X COLÓQUIO INTERNACIONAL
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
ISSN: 1982-3657

O MUSEU COMO UM ESPAÇO NÃO-FORMAL DE APRENDIZAGENS NA TERCEIRA IDADE

ADSON DOS SANTOS BASTOS
FABRÍCIO OLIVEIRA DA SILVA

EIXO: 22. EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Resumo: Este texto discute o museu como um lócus de formação, tomando a categoria memória como elemento de constituição da representação social que um grupo de idosas constrói sobre este espaço. No estudo, o museu é compreendido como um espaço de educação não-formal, concepção ancorada nos estudos de Ghon (2008), que defende a ideia de que a educação não-formal proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços múltiplos de aprendizagem. O estudo tem uma natureza qualitativa centrando a análise de dados a partir de três instrumentos de coletas, quais sejam: questionário, grupo focal e observação. Como resultado o estudo evidenciou que os sujeitos colaboradores concebem o museu como um lócus de aprendizagem que permite mobilizar a partir da memória saberes que se constroem e ressignificam pelas lembranças e identificações com os objetos que ali se encontram.

Resumen: En este trabajo se analiza el museo como lugar de formación, teniendo la categoría de memoria como el elemento constitución representación social que un grupo de más edad se basa en este espacio. En el estudio, el museo se entiende como un espacio de educación no formal, diseño anclado en estudios Ghon (2008), que defiende la idea de que la educación no formal ofrece el aprendizaje de contenidos formales escolarización en múltiples espacios de aprendizaje . El estudio tiene un enfoque cualitativo el análisis de los datos de tres colecciones de instrumentos, que son: cuestionario, grupos focales y observación. Como resultado del estudio mostró que los empleados sujetos a concebir el museo como un lugar de aprendizaje que permite movilizar a partir de los conocimientos que se construyen memoria y resignificar por los recuerdos y las

identificaciones con los objetos que hay.

Introdução

A educação como forma de entendimento de um processo contínuo de formação constitui-se no cenário das trajetórias de vida de um sujeito, a partir da sua inserção em diferentes espaços formativos, dentre os quais consagra-se o museu, caracterizado como espaço não-formal de aprendizagem. É, portanto, nas relações, no tempo e nos diferentes espaços que a formação vai sendo tecida, gerando condição para a produção de experiências, consideradas uma espécie de alicerce para as reflexões que o sujeito faz de si, ao produzir sentidos, logo aprendizagens a partir daquilo que o mobiliza a pensar e a mexer com o arsenal simbólico que está presente em sua memória. Entendendo o museu como um lócus de aprendizagem, a presente pesquisa buscou compreender como o museu é concebido como um lugar de aprendizagem para um grupo de 43 idosos, participantes do programa UATI (Universidade Aberta a Terceira Idade). Centrado numa lógica de pesquisa qualitativa, o estudo objetivou oportunizar a visita dos sujeitos colaboradores a dois diferentes museus baianos, quais sejam: Museu Casa do Sertão e o Museu Antares de Ciências e Tecnologias, ambos sediados em Feira de Santana. Vislumbrou-se com as vistas, analisar as relações de aprendizagem que se estabeleceriam considerando os elementos constantes nos museus e as trajetórias de vida e formação de cada idoso. Neste sentido, a memória foi um elemento importante, pois a partir dela várias associações puderam ser produzidas pelos sujeitos da pesquisa, favorecendo uma ressignificação dos objetos presentes nos museus a partir das concepções, vivências e experiências que cada um tinha construído em sua história de vida. Muitos dos colaboradores nunca tinham visitado um museu, mas conhecia muitos dos elementos que ali estavam presentes por terem conhecido e em alguns casos lidado com aqueles objetos no decurso de sua história de vida e formação. Partimos da lógica de q ue a educação, enquanto forma de ensino e aprendizagem, é adquirida ao longo da vida dos cidadãos e pode ser dividida em três diferentes modalidades: educação formal, educação informal e educação não formal. A educação formal é aquela que ocorre nos espaços formais de educação, ou seja, nas escolas e universidades. Entretanto, para Jacobucci (2008), o espaço formal diz respeito apenas a um local onde a educação ali realizada é formalizada, garantida por Lei e organizada de acordo com uma padronização nacional. Já para Libâneo (2008) a educação formal seria aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente e sistemática. Corroborando com Libâneo, Garcia (2005) diz que a educação escolar ou formal é aquela onde o saber é sistematizado, o que justifica a sua definição como educação formal. Por outro lado, a educação abrange um universo que extrapola a instituição escolar,

esta socialmente entendida como responsável pela formação dos indivíduos, principalmente no que diz respeito ao acesso aos conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados. Para além das experiências educativas escolares, há aquelas que ocorrem fora dos muros da escola e que podem ser denominadas de educação informal e educação não formal. A educação informal compreende um processo permanente, espontâneo e não organizado. Nela, os conhecimentos são repassados por meio das experiências e práticas cotidianas que ocorrem durante o processo de socialização dos indivíduos na família, no bairro, no clube, no cinema, na igreja, no teatro, em leituras e outros contextos, ou seja, aquela que decorre de processos naturais e espontâneos. Já a educação não formal é aquela que ocorre quando existe a intenção de determinados sujeitos em criar ou buscar determinados objetivos fora da instituição escolar. Assim, segundo Gohn (2008):

> A educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido. (GOHN 2008, p. 98)

> Neste contexto, as práticas educativas desenvolvidas pelos museus fazem parte de suas funções, em termos de comunicação e divulgação científica, e situam-se no campo da educação não-formal. A oferta da educação não-formal vem ampliando-se e organizando-se em função de objetivos explícitos, e que, embora seja distinta da escola formal, não deixa de ser planejada, com organização específica e visando uma determinada intenção (GOHN, 2001). Dessa forma, espaços não formais de ensino também são responsáveis e grandes influenciadores dos modos de pensar e agir das pessoas que costumam frequentar esses espaços, não cabendo esta responsabilidade apenas ao ensino formal. Nessa nova perspectiva de educação, a escola formal deixa de ser um espaço hegemônico de educação e formação humana. O conhecimento passa a ser compartilhado em outros espaços, de múltiplas maneiras e com objetivos diversos. Cortella (2007) destaca a contribuição da educação não formal para a educação cidadã e sinaliza que a educação não é sinônimo de escola e tudo que se expande para além da formalização escolar é "território educativo a ser operado". Por isso, Museus e Centros de Ciências e Tecnologia, por exemplo, representam espaços de educação não formal, uma vez que neles ocorre a construção de saberes, estimulada por situações inéditas e essencialmente intencionais

que são apresentadas nas exposições e atividades propostas por estes espaços, e a ampliação do conhecimento sobre o mundo e sobre as relações nas quais os indivíduos tomam parte (GOHN, 2006). Neste contexto se enquadra o Museu Antares de Ciência e Tecnologia, cenário de estudo dessa pesquisa. **Os Museus e seus Públicos** Antes de se abordar sobre público em museus faz-se necessário definir o que é público. Numa definição geral, público se refere ao povo, à coletividade, à opinião pública, ao interesse público. A sua gênese vem do latim publicus que significa literalmente vinda do povo. Neste sentido, a noção de público tem sua origem na representação da sociedade e de jogos de interesse entre o Estado, a economia e a sociedade civil, tendo como inter-relações o poder existente entre eles para agirem como atores sociais no contexto sócio-político. As relações entre museu e o público estão sendo submetidas a profundas transformações conceituais, em consequência das mudanças que a sociedade vem sofrendo ao longo dos séculos (WILDER, 2009). Por isso, nas últimas décadas, muitas pesquisas de público foram desenvolvidas com o objetivo de identificar quem são os visitantes que frequentam os museus. Segundo Carvalho (2009), as pesquisas de público vêm sendo utilizadas largamente nos museus do exterior, principalmente nos do Hemisfério Norte, com o objetivo de identificar o perfil do visitante, seus gostos, suas preferências culturais, sua opinião sobre a sua experiência vivida no museu, o impacto cognitivo no visitante. Além disso, servem também para os museus planejarem melhor sua programação e direcionarem sua divulgação. Corroborando com essa ideia, Koptcke (2005) afirma que os museus americanos no século XX são os pioneiros a realizarem pesquisas relacionadas ao público. No entanto, foi apenas a partir da década de 70 que as instituições museais se dedicam mais intensamente às avaliações, porém, estas eram voltadas apenas para as exposições e tinham a finalidade de analisar a montagem dessas exposições, e não o visitante propriamente dito. Na década de 80, as pesquisas tomam um novo direcionamento, já que agora começam a avaliar a experiência do visitante nas atividades desenvolvidas pelo museu. Até o século XIX, os visitantes só tinham acesso às coleções mediante convite especial. Entretanto, a partir dos anos 80 do século XX o público passou a ser alvo de campanhas publicitárias que tinham como principal objetivo aumentar o número de visitantes, tornar as visitas a museus mais populares, enfim, trazer e fidelizar grupos sociais

maiores e mais diversificados. "Nesse período, desenvolvem-se de forma mais densa programas e atividades voltadas para os variados públicos - crianças, jovens, públicos escolares, famílias - buscando atender seus objetivos de educação e divulgação do próprio museu" (MARANDINO, 2008, p. 24). Também crescem as pesquisas sobre o que as famílias fazem, por que vão e como aprendem nos museus. Wilder (2009) destaca algumas pesquisas que já foram realizadas em várias partes do mundo inclusive no Brasil, com a temática museu/público.

A importante pesquisa coordenada por Pierre Bourdieu em 1996, o amor pela arte: os museus da Europa e seu público, e as coletâneas organizadas por Hooper-Greenhill (1999), Vergo (1997) e Karp (1992), além de publicações como a francesa museus e públicos, sem esquecer de trabalhos latino-americanos como Canclini e os trabalhos acadêmicos realizados na USP e outros centros universitários, além de artigos publicados em revistas e sites especializados (WILDER, 2009, p. 102).

Entretanto foram identificadas poucas pesquisas voltadas para o público idoso, grupo em crescimento no Brasil e público alvo dessa pesquisa. Segundo dados do IBGE (2010), hoje são mais de 20 milhões de idosos e no ano de 2025, segundo estimativas do instituto, serão mais de 34 milhões, representando 15% da população. Segundo dados do Ministério da Saúde seremos a sexta maior população mundial de indivíduos nessa faixa etária (BRASIL, 2001). Já podemos notar esse aumento, pois o percentual passou de 9,1% em 1999, para 11,3% em 2009. Acredita-se que, até 2020, a população idosa no país aumentará aproximadamente 175%, o que representa em valores absolutos uma população de aproximadamente 28 milhões de pessoas (IBGE, 2010). Então, estamos vivendo a "era do envelhecimento" e esse crescimento se deve a alguns fatores determinantes, quais sejam: redução da mortalidade infantil, melhorias nas condições de saneamento e os avanços tecnológicos e da ciência médica. Entretanto, no transcorrer da história do nosso país, houve um período em que o Brasil era conhecido como um país de jovens. Com isso, as políticas sociais ofertaram pouca atenção aos idosos. Com esse cenário, as questões relativas ao processo de envelhecimento e da velhice, nos diferentes aspectos, têm suscitado estudos e investigações científicas para atender às

necessidades e exigências dessa parcela da população, como também a aprovação de leis, dentre elas a Lei nº 8.842/1994 e a Lei nº 10.741/2003. A Lei 8.842/1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, estabelece que "a família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos de cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem estar e o direito à vida" (BRASIL, 1994). Já Lei 10.741/2003 - o Estatuto do Idoso - no seu capítulo V, define que o idoso tem direito "à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade" (BRASIL, 2003). Baseados em algumas dessas leis, procuramos compreender a partir deste trabalho a relevância da participação do público idoso – sujeitos da presente pesquisa – como forma de analisar de que forma eles expressam suas concepções a respeito do museu, tecidas numa relação com as suas próprias história de vida e de formação. A partir da visita que fizeram aos museus, ficou evidente perceber como estes se consagram como um rico espaço em que a aprendizagem está presente e é ressignificada pelo idoso considerando as experiências de vida, revivida pela memória numa reconstrução simbólica dos elementos que no museu estão presentes, mas que fizeram parte de sua vida real. **O princípio qualitativo da pesquisa: O grupo focal como trilha metodológica** Esta pesquisa apresenta natureza empírica e método qualitativo, afinal o estudo se volta para a compreensão de determinada realidade a partir da interpretação de um fenômeno particular (JOHNSON; CHISTENSEN, 2012). Segundo Ludke e André (1986), a pesquisa que adota o referencial qualitativo se caracteriza por buscar significados e concepções explícitas e implícitas, construir dados a partir de descrições, ter caráter indutivo na análise de dados, ter como fonte direta de investigação o próprio ambiente e ter maior preocupação com o fenômeno do que com o produto. Para Guba e Lincoln (1994), na pesquisa que adota o método qualitativo os dados fazem referência ao contexto, além de fornecerem uma visão rica do comportamento humano. Além disso, esse método nos permite compreender os sujeitos participantes como seres históricos, além de analisar e caracterizar as condições nas quais ocorre todo o processo investigativo e, não somente, seus resultados e possíveis produtos (TRIVINOS, 2007). Para Minayo (1994):

A pesquisa qualitativa responde a questões particulares. Ela se preocupa,

nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Minayo (1994, p. 22):

Esse tipo de abordagem possibilita o contato mais próximo com os sujeitos e com o ambiente no qual ocorre à pesquisa, promovendo ao pesquisador o conhecimento da aprendizagem produzida nesse espaço, buscando perceber as compreensões que estes indivíduos têm quanto às questões levantadas, como forma de favorecer respostas mais profundas e significativas. Um dos elementos básicos na construção de uma pesquisa qualitativa é a relação estabelecida entre o pesquisador e os sujeitos de sua investigação. Neste sentido, entendemos que somente no diálogo e no desenvolvimento da escuta sensível daquilo que esses sujeitos têm a dizer do seu mundo, das suas vivências e da sua compreensão de mundo será possível ter uma visão multidimensional do fenômeno em estudo. Na nossa pesquisa, nos interessamos pelas percepções das idosas em relação aos museus. Então, para alcançar esse objetivo, foi utilizado como procedimento inicial de coleta de dados uma sondagem antes da visita aos museus (estes dados que serão usados nesse artigo), com o intuito de entender os significados que as idosas dão aos museus e se já tiveram alguma experiência em museus. O público alvo dessa pesquisa foi constituído por 43 idosos (42 mulheres e 01 homem) e, pela predominância de mulheres, e também por estarmos atendendo a um desejo deles, será utilizado como referência o gênero feminino quando nos referirmos ao grupo. Todas são frequentadoras do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade da UNEB, do Departamento de Educação, Campus VII, o qual está localizado no Município de Senhor do Bonfim – BA. Antes da visita aos museus, foi promovido um encontro com o público de idosas, para que pudéssemos dar alguns esclarecimentos sobre a pesquisa, mostrando os museus que seriam visitados, e para sondarmos, através de uma conversa, sobre o tema "museus" e expectativas em relação ao trabalho que seria realizado. O encontro foi previamente agendado e aconteceu na Universidade do Estado da Bahia, especificamente na sala 03 do Departamento de Educação, campus VII, em Senhor do Bonfim. Esta sala está reservada para os encontros do grupo, que acontecem todas as

segundas e quartas-feiras. Na sondagem estavam todos os colaboradores presentes. Após a sondagem do desejo de participar e das percepções iniciais que tinham do museu, bem como da realização das duas visitas, optamos por realizar o grupo focal como técnica de coleta de dados para a pesquisa. Assim, buscando entender como essa técnica nos ajudaria a compreender como os idosos concebiam o museu, utilizamos as orientações feitas por Barbour (2009, p. 21), que caracteriza essa técnica a partir da concepção de que: "Qualquer discussão de grupo pode ser chamada de um grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando as interações do grupo". Neste sentido, a entrevista é um termo que ganhou espaço dentro do grupo focal, por meio da qual nos facultou compreender como cada sujeito entendia o museu, e o caracterizava como um espaço de aprendizagem. Embora coletivamente a entrevista seja uma conversa, geralmente é orquestrada e dirigida pelo pesquisador. Desta forma, no estudo em tela em que se optou pelo grupo focal, a entrevista ofereceu oportunidades para os membros interagirem uns com os outros e estimulassem uns aos outros a pensar sobre o museu e como ele se relacionava com cada um. Entretanto, não era pretensão que o grupo chegasse a um consenso na sua discussão. O que se pretendeu foi de fato compreender como os idosos concebiam o museu, relacionando-o às suas histórias de vida, tornando explicita a representação que aquele espaço tinha para cada sujeito. Esta técnica desloca a ênfase do entrevistador para aqueles que estão sendo entrevistados, ou seja, o entrevistador desempenha o papel de facilitador e encorajador do grupo (LICHTMAN, 2010). Portanto, o uso do grupo focal se revelou como uma potente ferramenta na investigação sobre as percepções e posicionamentos dos idosos sobre o museu e o que ele desperta em cada um. Neste sentido, buscamos analisar, também, como cada idoso se sentiu ao visitar o museu e a mobilizar sua história de vida a fim de ressignificar pela memória as aprendizagens que desenvolveram no curso de sua vida. Ressaltamos que em relação à técnica, é importante salientar que o grupo focal nos é satisfatório devido à sua potencialidade de provocar, entre os participantes em interação, a elaboração de conjecturas sobre seus próprios conceitos, a enumeração de critérios para validação de seus posicionamentos, e finalmente, a formulação de críticas sobre as representações que os cercam.

A guisa de alguns resultados obtidos Este estudo teve como objetivo

conhecer as concepções das idosas sobre museus. Sem a intenção de buscar definições, conceitos, indagamos primeiramente sobre o que elas sabem sobre museus. Após este questionamento a maioria das idosas queria responder e isto nos obrigou a fazer uma intervenção para organizar as falas e facilitar a coleta das informações. Em suas respostas apareceram as suas primeiras percepções: *Local que guarda um pouco da história de alguém, de um povo, de uma região (Trereza**[1]**, grupo focal 2015); Local que guarda a memória (Luana, grupo focal, 2015) e Guarda coisas históricas, por exemplo, se achar um osso de dinossauro deve guardar para mostrar às pessoas (Júlia, grupo focal, 2015)* Deste modo, destacamos que a partir dos enunciados apresentados, o museu é tido como um lugar de memória, que guarda elementos, objetos do passado ou até mesmo a história de um povo. Há uma percepção de museu associado ao passado. Elazari (1997) em seu artigo Encontro com Idosos: escavando a memória a partir de objetos afirma:

Que os museus são lugares de memória onde se procura dar espaço para que diferentes grupos sociais possam ter as suas histórias preservadas, estudadas e compartilhadas. Os museus têm também seu papel de reconhecimento das identidades dos povos, valorizando-as, assim como as suas culturas. Elazari (1997, p. 1)

Corroborando com esse pensamento, Leite (2006), afirma que os museus são depositários da memória de um povo, encarregados pela preservação das obras produzidas pela humanidade, com suas histórias, com os meios próprios de que dispõem. Entretanto, segundo Chagas (2005), os museus não apenas exercem o papel da guarda, mas têm vocação para investigar, documentar e comunicar-se. Trabalham permanentemente com o patrimônio cultural integral, ressaltando sua dimensão educativa, procurando, assim, desenvolver as identidades locais, regionais, nacionais e internacionais. São espaços de produção de conhecimento e oportunidades de lazer. Seus acervos e exposições favorecem a construção social da memória e a percepção crítica da sociedade. Quando questionadas sobre quais os tipos de museus que existem, a maioria se refere aos museus de ciências, como podemos observar nas falas a seguir: *Acho que o museu deve ser sobre o corpo humano (Cristina, grupo focal, 2015); Têm*

planetários, essas coisas que ficam no céu. (Raquel, grupo focal, 2015) e É um museu de ciências (Joana, grupo focal, 2015). Ainda que suas respostas anteriores remetessem ao passado histórico, ao exemplificarem os tipos de museus, elas responderam sobre os museus de ciências. Ainda que estes também tenham papel de "lugar de memória" eles têm um sentido diferente de um museu de história, principalmente porque, na contemporaneidade, vários deles possuem exposições com objetos interativos, distinguindo-se, portanto, do papel dos museus como lugares de memória. Portanto, os museus de ciências, enquanto instituições educacionais, por meio de suas diversas atividades de cunho experimental, interativo e lúdico, permitem que concepções alternativas se reestruturem em concepções que hoje são aceitas cientificamente, a partir do processo de construção do conhecimento (PEREIRA; CHINELLI; COUTINHO-SILVA, 2008). Piedade Filho (2009) considera que o Museu de ciência é uma designação que engloba os museus de história natural, os museus de ciência e tecnologia e os museus interativos de ciência. Portanto, essa confusão das idosas em não saber distinguir um museu Histórico de um museu de Ciências é bastante compreensiva, afinal a maioria delas nunca teve a oportunidade de visitar um, e segundo um poeta desconhecido a definição de museu XXI é a seguinte: "os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose". Com essas mudanças na concepção do que é um museu, ele deixa de ser uma espécie de local incómodo, inóspito, frio, espaço de contemplação de uma cultura fossilizada, associado a elites e pouco atrativo à população em geral e passa a ser um local rico e com potencial para o desenvolvimento. Jacobucci (2008), em seu artigo intitulado "Contribuição dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica, afirma que atualmente, no mundo todo, os museus estão reestruturando suas exposições e atividades para atraírem cada vez mais visitantes e possibilitar um retorno permanente das pessoas. Ainda, segundo a autora, um museu precisa estruturar suas atividades de forma que o público possa se interessar pelos assuntos tratados logo na primeira visita, uma vez que não há como prever quando os visitantes retornarão ao espaço. Nesse sentido, vários recursos, técnicas e estratégias

expositivas nos museus têm transformado a relação entre o objeto exposto e o visitante em uma interação dinâmica, que envolve a participação ativa do público. Quando questionadas se alguém já havia visitado um museu, apenas duas idosas afirmaram já ter visitado museus, as demais disseram que tinham muita vontade, mas nunca tiveram oportunidade e que agora, mesmo com a idade já avançada, esse seria o momento, como podemos perceber nas falas de duas das idosas: *Conhecer um museu é meu sonho, sempre fiquei imaginando como deve ser prazeroso conhecer um local que guarda um pouco da nossa história.(Josefa, grupo focal, 2015)* e *Desde criança tenho essa vontade, mas nunca pude conhecer. Agora, aqui na UATI, com 71 anos de idade acho que vou conseguir. (Afonsina, grupo focal, 2015)* Essas respostas reforçam a concepção que as idosas têm em relação aos museus. Mas, sobretudo a de que os idosos e idosas do século XXI vivenciaram grandes transformações como a queda da mortalidade materna e experimentam, agora, a queda da mortalidade nas idades avançadas. São os sobreviventes da alta mortalidade infantil por doenças infecto contagiosas, por neoplasias malignas e doenças cardiovasculares na meia idade. Entretanto vale salientar que essa sobrevivência ocorreu de forma diferenciada no território brasileiro, entre grupos sociais, raciais. Neste sentido, a população idosa brasileira constitui um grupo heterogêneo e complexo, além das diferenças sociais e raciais, é composto por pessoas cujo intervalo de idade extrapola 30 anos e que experimentaram trajetórias de vida muito diferenciadas. Por isso, o idoso deve ser reconhecido com prioridade nas áreas da saúde, educação, política, economia, previdência social, cultura, lazer, comunicação, direito (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2011). Sendo assim, a educação assume papel importante para auxiliar os idosos na superação de situações de vulnerabilidade com que se defrontam. Neste sentido, a educação para o idoso deve superar os estereótipos negativos atribuídos à velhice superando preconceitos como inutilidade, incapacidade para aprender, doença, improdutividade, etc., propiciando com isso, a valorização do idoso, para que desenvolva autonomia e possa exercer novos papéis sociais, favorecendo assim, maior inserção e participação social. Portanto, o envelhecimento conduz a uma mudança significativa nos papéis sociais, que precisam de uma re-significação tanto em nível micro, a família, como em nível macro, a sociedade. **Ressignificando alguns dos objetos do museu pela rememoração** Um dos museus, visitados, o Casa do

Sertão é um espaço que tem por finalidade preservar e divulgar a cultura nordestina, em especial a cultura sertaneja. A sensação das idosas ao se depararem com os objetos expostos foi de uma recuperação de memória daquilo que já conheciam desde a infância e juventude, do cotidiano da vida, em convivência com familiares e amigos. A maioria relatou afinidade com os objetos, que se referiam principalmente ao artesanato popular. Ao entrarem no local, ficou explícita a expressão de todas, com o olhar atento aos detalhes daquilo que estavam vendo. Elas pareciam estar viajando no tempo, ao depararem com objetos que traziam lembranças do seu dia-a-dia no sertão, afinal todas são de origem sertaneja. Ao entrar no espaço das fotografias as idosas observaram com bastante atenção aquelas que estavam expostas e foram várias as manifestações de identificação, como podemos observar na fala de uma delas: uma afirmou, ao observar uma fotografia de um casamento: "Essa fotografia lembra o casamento da minha mãe"; outra afirmou: "Na minha casa tenho fotografias como essas". Essa sensação de reconhecimento foi notada em todos os espaços do museu: a cada objeto, um reencontro com o passado. Para Santos (2005):

O objeto museológico como materialização da memória permite a ilusão de não mudar através do tempo, mantendo intacto, sem passar pelo envelhecimento inerente à natureza humana, já que a conservação deste, o faz atravessar o espaço e tempo, e a sua linguagem pode fazer dele um objeto simbólico de uma temporalidade. Santos (2005, p. 45):

Ao visitarem a sala dos brinquedos, passaram a ter um comportamento que lembrava uma criança. Todas queriam fazer algum comentário para confirmar que conheciam aqueles objetos e que eles fizeram parte de suas infâncias. Uma idosa disse, ao ver as bonecas de pano: "*as bonecas da minha infância!*"; outra disse: "*brinquei muito com esses brinquedos*", se referindo aos objetos expostos. Todo o percurso no museu foi guiado por uma monitora, que falava sobre os objetos expostos, relatando um pouco da história de cada um. Vale salientar que todas ouviam as explicações com atenção, porém interagiam com as colegas e com a monitora fazendo comentários. Uma delas fez o seguinte comentário quando a monitora falava sobre os brinquedos, "*as crianças de hoje não brincam mais com esses brinquedos, é uma pena!*". Com essa fala, entendemos que os objetos

museológicos apresentam-se como uma possibilidade para o exercício da reflexão histórica e como um processo cognitivo que pode ser um elemento agregador da comunidade, já que a sociedade atual não preserva a memória, diante de um mercado que valoriza o imediato e o efêmero. Na sala de utensílios domésticos, os comentários de reencontro com os objetos continuaram e muitas voltaram ao tempo da sua infância e mocidade. Uma delas afirmou que o primeiro presente que recebeu do seu pai foi uma máquina de costura, e continuou: "meu pai me deu essa máquina para eu aprender a costurar e ser uma boa dona de casa". Outra idosa completa o pensamento da colega dizendo: "*hoje as coisas mudaram, mas no nosso tempo toda moça deveria apender a costurar, fazer renda, cozinhar para ser uma boa esposa*". O reencontro com esses objetos transportaram as idosas para um período das suas vidas que, segunda elas, é muito diferente dos dias de hoje, fato evidenciado na fala a cima. Nesse período, por volta dos anos quarenta do século XX, existia um conjunto de valores que os pais transmitiam aos seus filhos, alguns se aplicavam indistintamente ao menino e à menina: "Respeito", "Obediência", "Honestidade", "Trabalho"; mas outros se referiam apenas ao contingente feminino: "Submissão", "Delicadeza no Trato", "Pureza", "Capacidade de Doação", "Prendas Domésticas" e "Habilidades Manuais" (BIASOLI-ALVES, 2000). Outro fato que consideramos importante foi comentado por elas durante a visita, em relação à criatividade humana para criar peças tão úteis. Uma idosa fez o seguinte comentário: "*o homem daquele tempo era inteligente para fazer esses objetos tão úteis, que facilitou a vida de todos nós*". Outra destacou a capacidade de reutilizar objetos, quando apontou para um ralador de coco e disse: "*esse ralador foi feito de uma lata de óleo vazia que iria parar no lixo e contaminar o meio ambiente*". Esse comentário foi compartilhado por muitas outras idosas, que também apontavam para outros objetos que eram fabricados a partir de objetos que iriam parar no lixo. **Considerações finais**

A pesquisa permitiu compreender as concepções que uma população de idosos tem a respeito do significado do museu, entendendo-o como um rico espaço de formação. Assim pudemos analisar o comportamento das idosas quando elas se deparam com experiências museais, tendo em vista que este público tem sido pouco contemplado nas investigações relacionadas ao estudo de público em museus. A partir das analises das respostas das idosas percebe-se que existe uma confusão quanto aos tipos de museus. A maioria

se refere aos museus como espaço de memória, espaço onde se guarda, por exemplo, a história de um povo, porém, ao exemplificar um museu, trazem como exemplo os museus de Ciências, onde se guarda e preserva as descobertas científicas para que outras gerações tenham conhecimento. Estas concepções são justificadas porque a maioria das idosas envolvidas na pesquisa nunca havia visitado um museu. Entretanto, elas se mostram com abertura para conhecer o novo, querem sair de casa. Neste sentido, para que haja um envelhecimento ativo é primordial o envolvimento do idoso na sociedade. Neste sentido, é fundamental que este recupere o seu lugar na vida e na comunidade participando de atividades culturais. Sendo assim, o museu se revela como um espaço fértil para a reinserção do idoso na sociedade. Os resultados fornecem um importante conjunto de dados empíricos sobre o comportamento das idosas em museus de ciências e em museus de história regional. A partir da interpretação dos dados obtidos nos três momentos (sondagem, visita ao museu e grupo focal), consideramos que as idosas apresentam algumas percepções diferentes e outras em comum em relação às exposições no Museu Antares de Ciências e Tecnologia e ao Museu Casa do Sertão. No Museu Casa do Sertão, foi um reencontro com o passado, todos os objetos expostos de alguma forma fizeram parte da vida das idosas, começando pelos brinquedos, passando pelos utensílios domésticos até os instrumentos de trabalho. Neste museu notamos que as idosas interagiram com os objetos com certa familiaridade, ficaram a vontade para comentar sobre os objetos e relembrar do passado. Nesse sentido, o museu assume papel de preservar a memória da cultura sertaneja.

Referências

BARBOUR, R. *Grupos focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009. BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Conselho Nacional do Idoso. *Política Nacional do Idoso. Lei nº 1074/2003*. Brasília, 2003. BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. *Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher* Brasileira no Século XX. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Set-Dez 2000, Vol. 16 n. 3, pp. 233-239. CORTELLA, M. S. A contribuição da Educação Não-formal para a construção da cidadania. In: Itaú Cultural. *Visões Singulares, conversas plurais.* São Paulo, 2007. p. 43-49.

ELAZARI, Judithe Mader*. Encontro com Idosos: "escavando" a memória a partir de objetos*. Revista do MAC, nº 7, set./2007. GONH, Maria da Glória.*Educação não-formal e cultura política*: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2001. GONH, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política.* 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008. GONH, Maria da Glória. *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: aval. pol. públ. educ**.** Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. W. Competing paradigms in qualitative research. *In:* DENZIN, N. K.; LINCOLN,Y. S. (Ed.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage, 1994. p. 105-117. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Contagem da população***.**
Disponível em:
http://
www.
ibge.gov.br
/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm. Acesso em 20 out. 2014. JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. *Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica*. Revista em Extensão, Uberlândia, v. 7, 2008. JOHNSON, B.; CHRISTENSEN, L. *Educational research:* quantitative, qualitative, and mixed approaches. Thousand Oage, 2012. LEITE, Maria Isabel. *Crianças, Velhos e Museu: memória e descobertas*. Cad. Cedes. Vol. 26, nº 68, p. 74-85. Jan./abril./2006. LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos pra quê?*
10. ed. São Paulo: Cortez, 2008. LICHTMAN, M. *Qualitative reseach in educacion: a user's guide*. Thousand Oaks: Sage, 2010. LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. de. *Pesquisa em educação:* abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; OTÁVIO NETO, R. G. *Pesquisa social:* Teoria, métodos e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. MARANDINO, Martha. Ação educativa, aprendizagem e mediação nas visitas aos museus de ciências *in* MASSARANI, Luisa; ALMEIDA, Carla. *Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros Ciência.* Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2008. 144 p. il. OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; OLIVEIRA, Flávia da Silva. UATI/UEPG: A construção de novos saberes para o empoderamento do idoso. *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais.* Diversidade e (Des) Igualdades. Salvador, 2011. PEEIRA, G. R.; CHINELLI, M. V.; COUTINHO-SILVA, R. *Inserção dos centros e museus de Ciências na educação: estudo de caso do impacto de uma atividade museal itinerante.* Ciência e Cognição. V. 13(3): 100-119, dez./2008. PIEDADE FILHO, Lúcio De Franciscis dos Reis. *Museu, Ciência, Tecnologia e Sociedade:* O Museu enquanto espaço de difusão e divulgação científica. Foro Ibero-Americano de Comunicação e Divulgação Científica, Campinas, 2009. SANTOS, Vânia Carvalho Rôla. Cultura, identidade e memória: uma leitura informacional dos museus históricos em ambientes comunitários. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação,

2005 TRIVINOS, A. N. Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais:* A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2007. WILDER, Gabriela Suzana. *Inclusão social e cultura:* Arte contemporânea e educação em museus. São Paulo: UNESP, 2009.

[1] Atendendo às normas dos padrões éticos de pesquisa, recomendados pelo comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia, lócus do desenvolvimento do estudo, os nomes são fictícios, escolhidos por cada participante em homenagem a alguém importante em sua trajetória de vida e formação.

[*] Professor Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Mestre em Educação pela UFBA/UEFS. Membro do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade – Divrso. [*] Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. Doutorando em Educação pela Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC – UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade – Diverso.

Recebido em: 01/08/2016

Aprovado em: 02/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: